

CALAMIDADE NO RS

Maio chega ao fim em um mês que transformou a história do RS

Débora Ertel

debora.ertel@gruposininos.com.br

Com a sensação de que maio não teria mais fim, o Rio Grande do Sul fecha o mês que marcará para sempre a história dos gaúchos. Junho começa com o olhar na limpeza, na reconstrução e na expectativa do que será feito para que esta tragédia não se repita mais.

Mas, mesmo se reerguendo agora e já projetando o futuro, é impossível esquecer as marcas que as inundações deixaram na vida de todos nós.

São milhares de pessoas que de uma hora para outra viram suas vidas virarem do avesso e hoje sequer tem um guarda-roupa para chamar de seu.

E tudo começou um pouco antes de maio chegar, em 27 de abril, quando começou a chover e, a cada dia que passava, o volume aumentava e os dramas vividos de uma ponta a outra do Estado se multiplicavam.

Conforme levantamento da Estação de Meteorologia de Campo Bom, desde 27 de abril choveu na região 758 milímetros. Foram 213 milímetros de 27 a 30 de abril e 545 milímetros em maio, um volume catastrófico, jamais visto.

Só para se ter uma ideia, a média histórica de chuva para abril, até então, era de 130 milímetros e, de maio, 126 milímetros.

O avanço dos rios

Todos os rios bateram suas marcas. O Rio Caí, em São Sebastião do Caí, chegou em 17,6 metros em 2 de maio. O Rio dos Sinos bateu 9,73 metros, em Novo Hamburgo, no dia 4 de maio, e 8,2 em São Leopoldo (incrivelmente mais de 3 metros acima da cota de inundação). O Lago Guaíba, em Porto Alegre, alcançou 5,33 metros em 5 de maio. Níveis que entram para história como a mais trágica cheia do Rio Grande do Sul. O balanço da Defesa Ci-

vil (o mais atualizado até as 18 horas deste feriado de 30 maio) apontava que dos 497 municípios gaúchos 473 foram atingidos pelas cheias. As inundações afetaram a vida de 2,34 milhões de gaúchos. Mais de 581,6 mil pessoas foram desalojadas de suas casas e, um mês depois, ainda se tem 45,1 mil pessoas vivendo em abrigos.

Neste trágico mês, as forças de segurança resgataram mais de 77,7 mil pessoas e 12,5 mil animais. Diante deste cenário de guerra, 169 vidas foram perdidas e ainda há 44 pessoas desaparecidas.

Por céu e terra

Durante semanas, o barulho que mais se ouvia eram de helicópteros sobrevoando os céus e trabalhando nos resgates. Já por terra, milhares de voluntários se revezaram para não deixar ninguém para trás e centenas de veículos se movimentavam levando doações, além de barcos.

Mais de 28,1 mil agentes da área de segurança participaram das operações, com o uso de mais de 4,4 mil veículos, 40 aeronaves e mais de 340 embarcações. São números oficiais da Defesa Civil do RS, mas que precisam ser acrescidos pela participação de milhares de voluntários que entraram nas águas e ajudaram em resgates das mais diversas maneiras possíveis.

De uma hora para outra, abrigos foram montados para acolher quem não podia mais voltar e, hoje, mais de um mês depois que tudo começou, ainda tem regiões inundadas e bairros inteiros sem abastecimento de água. O trabalho duro agora se concentra na limpeza dos espaços onde já é possível chegar e na reconstrução de lares.

abc+
Confira tudo sobre as cheias em abcmails.com.br/tempestade



Imagem aérea, feita nesta quarta-feira (29), mostra que ainda há áreas alagadas em São Leopoldo

A cronologia da cheia histórica

CASTOR BECKER JÚNIOR/ESPECIAL

27 de abril
O Estado tem cinco alertas para tempestades. Em poucas horas, a chuva passou dos 100 milímetros e até atingiu 200 milímetros em algumas localidades. Com 22 municípios atingidos, Santa Cruz do Sul é a cidade mais castigada.

28 de abril
São Leopoldo registra mais da metade da média acumulada de chuva do mês em apenas 24 horas. Novo alerta para chuva intensa, vento forte, alagamentos, descargas elétricas e queda de granizo.

29 de abril
As duas primeiras mortes por causa da chuva são registradas em Paverama. A Defesa Civil emite alerta para risco de inundação e a MetSul avisa que será uma semana marcada por chuvas excepcionais a extremas, com possibilidade de alcançar valores alarmantes. É o primeiro dia que o governador Eduardo Leite grava sobre a situação meteorológica.

30 de abril
Em São Sebastião do Caí, o Rio Caí marca às 3 horas 10,76 metros e às 23h30, 15,85 metros. Equipes de resgate entram em ação. Ao menos duas pessoas estão desaparecidas em Roca Sales e um desmoronamento de terra na RS-122, em São



São Sebastião do Caí

Vendelino, deixa pai e filho desaparecidos.

A Força Aérea Brasileira (FAB) é acionada. A Defesa Civil emite dois alertas de risco para o Rio Taquari. São 77 municípios afetados.

1º de maio
Eduardo Leite anuncia que este evento climático "deverá ser o maior desastre do nosso Estado". Santa Catarina e São Paulo anunciam envio de ajuda humanitária. Já são 3 pontes levadas pelas águas.

2 de maio
Canoas manda evacuar o bairro Mato Grande. São esperados 250 milímetros de chuva para as regiões da Serra e Norte até dia 4 de maio. O Estado pede ajuda de aeronaves. Lula visita o RS e anuncia reforço das forças armadas. Montenegro e Rolante estão isoladas. Em Igrejinha, moradores são acordados de madrugada por sirenes. Leite decreta estado de calamidade pública. O Rio Taquari chega a 31 metros em Lajeado.

3 de maio

Canoas determina a evacuação dos bairros Mathias Velho, Harmonia, Central Park e Cinco Colônias. Primeira morte pelas enchentes é confirmada na região. A vítima é de Montenegro. A Fraport suspende pousos e decolagens no Aeroporto Salgado Filho. A Trensurb também suspende as operações.

O tráfego na ponte sobre o rio em São Leopoldo, na BR-116, é bloqueado, e a passagem é proibida na Ponte 25 de Julho, incluindo de pedestres.

A equipe Águias, da Polícia Militar de São Paulo, faz o último resgate de família com risco de São Sebastião do Caí e parte para Bento Gonçalves.

4 de maio
A Vila Palmeira, em Novo Hamburgo, é evacuada e a situação é caótica. Prefeitura pede empréstimos de embarcações.

No bairro Rio dos Sinos, em São Leopoldo, moradores fogem para a BR-116. O Guaíba, na capital, chega a 5,16 metros às 15h.



Vila Palmeira é drenada



Dique da João Corrêa

O dique se rompe no Rio dos Sinos na Vila Brás, em São Leopoldo, junto ao limite com Novo Hamburgo, e junto da Casa de Bombas da João Corrêa. O nível do Sinos chega a 9,73 metros, em Novo Hamburgo. Em São Leopoldo, o rio atinge 8,20 metros, sendo que o considerado normal é entre 2 metros e 2,5 metros.

Grupo de voluntários faz "cordão humano" para resgatar pessoas ilhadas no bairro Mathias Velho, em Canoas, na madrugada.

O Hospital de Pronto Socorro de Canoas é alagado e 400 são resgatadas com barcos e helicópteros.

5 de maio

Prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo, pede que os moradores da capital se dirijam para o litoral.

Na noite, a Defesa Civil emite um novo alerta para risco de inundação do Rio dos Sinos.

Ao longo da RS-240, moradores de São Leopoldo são resgatados e levados a abrigos de cidades vizinhas.

Em Canoas, a água avança sobre 60% do município, afetando 180 mil pessoas. A Prefeitura contabiliza mais de 63,8 mil pedidos de resgate e ajuda.

6 de maio

A passagem pela Estrada da Integração Leopoldo Petry é liberada.

Corpos de duas crianças desaparecidas encontrados em Três Coroas.

O governo anuncia o desligamento do Procergs.

Aumenta para 85 o número de mortos pelas enchentes e já são 1,1 milhão de afetados.

7 de maio

Dnit faz aterro sobre o asfalto da BR-116 para tentar liberar o trânsito. São quase 5 mil pessoas abrigadas em Novo Hamburgo. O governador alerta que não é hora de voltar para casa.

▶ Segue na página 7